



TERCEIRO SETOR

Alternativa à vista

ONGs emergem como potencial mercado de trabalho para pesquisadores no Brasil e no exterior

Atraídos pela possibilidade de transformar os resultados de suas pesquisas em soluções concretas e viáveis para problemas socioambientais, alguns pesquisadores estão deixando as universidades para trabalhar em organizações não governamentais (ONGs). Estas, por sua vez, investem na contratação de profissionais qualificados na expectativa de que produzam dados e conhecimento que deem maior respaldo a seus projetos. As ONGs emergem, desse modo, como um mercado de trabalho alternativo para pesquisadores. Entre as vantagens estão a influência e a visibilidade que algumas dessas organizações adquiriram nas últimas décadas em setores políticos e na mídia. É possível criar condições favoráveis para que os estudos científicos tenham um impacto maior no processo de tomada de decisão e elaboração de políticas públicas.

As atividades nas ONGs são abrangentes. No IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, em Nazaré Paulista (SP), os pesquisadores são encorajados a participar de reuniões com moradores da região em que a ONG desenvolve seus projetos, permitindo um contato maior com a realidade local. “Isso é importante para que o pesquisador desenvolva seus projetos tendo em perspectiva as demandas locais”, diz o engenheiro agrônomo Eduardo Ditt, secretário-executivo do IPÊ. Ele se juntou à ONG ainda na graduação, na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq-USP). Mesmo durante o mestrado, no Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental da USP, e no doutorado em Pesquisa Ambiental no Imperial College London, na Inglaterra, Ditt sempre procurou adequar suas pesquisas ao trabalho no IPÊ.

“O objetivo das pesquisas feitas dentro das ONGs é a obtenção de resultados que possam ser revertidos em ações para a implantação de políticas de conservação ambiental”, explica.

Além de questões envolvendo a pesquisa científica, os pesquisadores do IPÊ lidam com aspectos administrativos e institucionais da ONG e dedicam parte de seu tempo à elaboração de estratégias para captação de recursos financeiros. Esse talvez seja um dos principais desafios relacionados ao trabalho dentro dessas organizações. Muitas instituições têm políticas específicas de arrecadação. No Greenpeace, por exemplo, todas as pesquisas são feitas com dinheiro próprio, de doações de pessoas físicas, conforme explica a bióloga Renata Nitta, coordenadora de pesquisa da ONG. No caso do IPÊ, o esforço para captação de recursos é compartilhado entre os pesquisadores.

“Por esses motivos, é difícil uma ONG fazer pesquisa isoladamente, sem a universidade”, comenta Osvaldo Stella, fundador da ONG Iniciativa Verde e também responsável pelo Departamento de Mudanças Climáticas do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam). Como Ditt, Stella seguiu a trajetória acadêmica e concluiu o doutorado em 2004 em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no interior paulista. “Em qualquer ONG é quase impossível atingir os mesmos níveis de financiamento da universidade ou de grandes centros de pesquisa”, ele diz. A solução é investir em projetos conjuntos. “Enquanto a vocação da universidade é a produção de conhecimento, nas ONGs o objetivo é transformar esse conhecimento em ações concretas e viáveis”, explica Stella. “São características distintas, mas complementares e com grande potencial de expansão.” ■ Rodrigo de Oliveira Andrade

Espaço para pensar a profissão

Começou a operar em março o Escritório de Desenvolvimento de Carreiras da Universidade de São Paulo (USP). O objetivo é assessorar os alunos da USP na reflexão, preparação e planejamento de carreira. “Temos, tanto na graduação como na pós-graduação, problemas específicos em relação às vocações acadêmicas”, explica a professora Tania Casado, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA), que coordena o escritório vinculado à Pró-reitoria de Graduação. Tania explica que a prioridade, neste primeiro momento, é atender à demanda dos alunos de graduação. Ela conta com 30 voluntários para assessorar os alunos da graduação e da pós. São profissionais com mestrado, doutorado e experiência de mercado. “Alguns são executivos de grandes empresas na área de gestão de carreiras e vão nos ajudar a preparar e participar de oficinas coletivas de carreiras e workshops sobre o tema que serão oferecidos aos alunos”, diz a professora da FEA. Contatos com o Escritório de Carreiras: (11) 2648-0991 e carreiras@usp.br.

Congresso sobre patentes

Acontece em São Paulo, entre os dias 28 e 30 de agosto, o 36º Congresso Internacional de Propriedade Intelectual, promovido pela Associação Brasileira da Propriedade Intelectual (ABPI) com apoio da Associação Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento das Empresas Inovadoras (Anpei). O tema é “Inovação e competitividade no cenário econômico global”. Entre os subtemas, estão assuntos como direito autorial, transferência de tecnologia, biotecnologia, cultivares, internet e esportes. Inscrições: www.abpi.org.br.

PERFIL

A arte de comunicar

Biólogo Glauco Machado viaja pelo país ministrando curso de redação científica para alunos de pós-graduação



Em 2004, aos 29 anos, o biólogo carioca Glauco Machado, na época pesquisador em estágio de pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), foi convidado para coordenar um curso de campo de ecologia no

Amazonas em reservas florestais nas cercanias de Manaus. Um grupo de 20 estudantes de mestrado e doutorado, sob sua orientação e de outros professores, passou quase um mês na floresta coletando e analisando dados. O trabalho final deveria ser um texto na forma de um artigo científico escrito pelos próprios estudantes. “Os alunos não conseguiram discutir os resultados dos estudos que haviam desenvolvido em campo”, conta Machado. Ele, então, resolveu organizar um curso de escrita científica, a princípio voltado à apresentação de métodos para a redação de artigos. O resultado foi satisfatório e o curso cresceu. Em 2007, em São Paulo, já como professor do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (IB-USP), Machado organizou a mesma dinâmica para estudantes do curso de campo de ecologia na Mata Atlântica, que coordena em parceria com os biólogos Paulo Inácio Prado e Adriana Martini, do mesmo instituto. Nas aulas, ele verificou que as dificuldades dos estudantes iam além da redação do artigo científico. “A elaboração de um *paper* exige do pesquisador o domínio de aspectos básicos do método científico”, explica. “A maioria dos pós-graduandos, contudo, sequer consegue escrever

uma introdução ou mesmo encadear argumentos lógicos que ponham seus resultados em perspectiva na discussão.” Muitos estudantes não sabiam como formular uma hipótese, segundo ele.

O curso, que antes durava um dia, teve de ser ampliado; hoje tem duração média de uma semana. Nesse período, os alunos aprendem a comunicar os resultados de seus trabalhos, a escrever uma introdução e a organizar a descrição da metodologia, entre outros aspectos que envolvem a elaboração de artigos científicos. “Passamos por todos os desdobramentos do processo de redação do artigo até chegar à submissão para as revistas especializadas”, conta. “Também discutimos como escolher as publicações mais adequadas para o tipo de pesquisa que fizeram, de acordo com o perfil do trabalho.”

Em 2009, Machado cruzou as fronteiras da universidade. O IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, em Nazaré Paulista, interior paulista, foi o primeiro a receber uma edição do curso, que se tornou itinerante. Além do trabalho no IB-USP, onde estuda o comportamento de opiliões (*ver* Pesquisa FAPESP nº 144), o biólogo, hoje aos 40 anos, também viaja pelo país ministrando aulas sobre redação científica em universidades, ONGs e institutos de pesquisa. “Ao todo, já visitei 10 estados no Brasil”, diz. Um aspecto importante do curso, segundo ele, é a questão da ética em pesquisa. “Os estudantes têm muitas dúvidas sobre questões de má conduta”, explica. “Ainda não sabem bem o que se configura como plágio e autoplágio, por exemplo.” ■ R.O.A.